

Grandes empresas ficam ainda maiores

Exagero nos preços e volatilidade de commodities favorecem concentração

Por Rana Foroohar

Valor, 24/10/2023

Nos últimos anos, o recorde de greves e o aumento nos processos antitruste foram duas das maiores tendências no mundo empresarial. Só neste ano, por exemplo, os Estados Unidos registraram o maior número de dias de trabalho perdidos por greves em quase 25 anos, assim como as ações mais agressivas contra monopólios em décadas. Ambas as tendências, também presentes na Europa e em outros lugares, são uma reação a décadas de ondas de fusões de empresas e de lucros recorde.

Embora em certo momento tenha parecido que a crescente inflação salarial e que a tendência da era da pandemia de tentar reduzir o risco das cadeias de abastecimento começariam a corroer o poder das empresas, o mais recente Relatório de Comércio Exterior e Desenvolvimento, da Organização das Nações Unidas (ONU) mostra que isso ainda não ocorreu. Na verdade, tanto o volume de fusões quanto os lucros aumentaram drasticamente durante a pandemia da covid-19, com repercussões preocupantes, como a cobrança de preços excessivos por produtos em falta e a insegurança alimentar.

Se a concentração é um problema nos países ricos, nos mais pobres ele é ainda maior. A alta proporção das exportações que estão concentradas nas 2 mil maiores empresas do mundo aumentou ainda mais durante a pandemia. Isso foi particularmente verdadeiro nos países em desenvolvimento, onde os dados mostram que a parte de 1% no topo da pirâmide das maiores empresas exportadoras em cada país ganhou entre 40% e 90% das receitas totais de exportação do país como um todo. A taxa média em uma base de dados de 30 países em desenvolvimento é de 40% das exportações concentradas nas dez maiores empresas exportadoras de cada país.

Os autores do relatório da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (Unctad, na sigla em inglês) observam que esse aumento durante a pandemia levanta “preocupações a respeito de controle de mercado e da distribuição dos ganhos do comércio exterior” em países que antes contavam com a expansão do comércio para dar mais empregos a suas populações.

O aumento da concentração de mercado das empresas também se deu de forma inversamente proporcional à contínua diminuição da participação dos salários na renda em termos mundiais, que caiu de 57% em 2000 para 53% hoje. Nas palavras dos autores: “A queda na participação dos salários e o aumento dos lucros das [multinacionais] apontam para o papel fundamental das grandes empresas dominando as atividades internacionais [...] impulsionando a desigualdade de renda funcional global”.

Essa divisão teve efeitos particularmente nocivos nos mercados de commodities. Apesar da queda na demanda, muitos preços de commodities não voltaram aos níveis pré-pandemia. Os preços de combustíveis e commodities agrícolas em especial ainda estão elevados, o que traz insegurança alimentar para milhões de pessoas.

A financeirização tem um papel fundamental nisso. “A crescente importância das atividades financeiras como parte do modelo de negócios das empresas se tornou um amplificador de seu poder”, diz Richard Kozul-Wright, diretor da divisão de estratégias de globalização e desenvolvimento da Unctad, “criando muitos mais gargalos que podem ser usados para aumentar o lucro”.

O desequilíbrio de poder entre capital e trabalho se tornou perigosamente desproporcional. Greves pelo mundo e ações antitruste são reações a isso e continuarão até que o pêndulo mude de direção, como sempre ocorre quando sistemas econômicos ficam desbalanceados

De acordo com os autores do relatório, “a atividade não regulamentada dentro do setor de commodities contribui para aumentos de preço especulativos e instabilidade de mercado”, que agravaram a crise mundial de alimentos. Os autores chegam ao ponto de culpar a cobrança pelas empresas de preços excessivos por produtos em falta por uma grande parte dos altos preços dos alimentos. “Os altos lucros com atividades financeiras agora encabeçam os lucros do setor global de comercialização de alimentos”.

Na verdade, surgiu um ciclo vicioso entre os aumentos da energia e dos custos de produção dos alimentos, a redução do rendimento agrícola e o aumento do preço dos alimentos. O aumento dos preços dos fertilizantes faz com que os agricultores os usem menos, o que resulta em um rendimento pior e uma inflação maior. O ciclo de uma bola de neve de preços mais altos é exacerbado pelas altas taxas de juros, que elevam o custo de todos os insumos.

E, ainda assim, em meio à alta dos custos, as grandes empresas de comercialização de commodities registraram lucros recordes. Em julho de 2023, a Oxfam estimou que 18 grandes empresas internacionais de alimentos e bebidas haviam obtido lucros extraordinários de US\$ 14 bilhões nos dois anos anteriores.

Quanto disso se deve à cobrança de preços excessivos por produtos em falta? É impossível saber, mas um relatório da Allianz estimou que 20% da inflação de alimentos era resultado dessa prática. Outro estudo do Greenpeace descobriu que dez grandes fundos de hedge que se

baseiam em tendências ganharam US\$ 1,9 bilhão apostando na variação dos preços de alimentos nos primeiros três meses de 2022, quando a guerra na Ucrânia começou.

A Unctad vê uma correlação, embora não uma causalidade, entre a cobranças pelas empresas de preços excessivos, o uso de instrumentos financeiros e a volatilidade dos preços dos alimentos. Mostrar resultados causais é mais difícil, em parte porque as operações de hedge fazem parte do modelo de negócios das empresas de commodities, mas também em razão da falta de transparência do setor. Apenas 8 das 15 maiores empresas de comercialização de alimentos têm capital aberto.

Ainda assim, há uma forte ligação entre o histórico de lucros das quatro maiores comercializadoras de alimentos - ADM, Bunge, Cargill e Louis Dreyfus - e períodos de volatilidade de preços. Isso, no mínimo, sugere que precisamos examinar se as empresas de commodities estão usando os instrumentos financeiros para proteger legitimamente suas posições comerciais ou para surfar na onda da volatilidade do mercado. Isso foi algo que as autoridades reguladoras dos EUA tentaram combater com a Lei Dodd-Frank de 2010, após a crise de 2008. Infelizmente, seus esforços foram enfraquecidos, em grande parte, pelo lobby das grandes empresas de alimentos.

O elo entre os lucros das empresas e a fome é apenas o exemplo mais flagrante de um desequilíbrio de poder entre o capital e o trabalho que se tornou perigosamente desproporcional. As greves pelo mundo e as ações antitruste são uma reação a isso e, sem dúvida, continuarão até que o pêndulo mude de direção, como lentamente sempre ocorre quando sistemas econômicos ficam desbalanceados. Acredito que os clamores pela reforma do sistema de comércio exterior mundial, que é complexo e pouco transparente, também continuarão. **(Tradução de Sabino Ahumada)**

Rana Foroohar é colunista e editora do Financial Times em Nova York